

# **Novos tempos, novas narrativas: As trajetórias das peças da oferenda da Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá, México.**

Daniel Grecco Pacheco<sup>1</sup>

Esse artigo tem como intenção apresentar uma metodologia capaz de lidar com peças sem um contexto arqueológico definido para que tais objetos possam ser utilizados como informações empíricas para trabalhos sobre a cultura material. Tomando como estudo de caso objetos da oferenda descoberta por um casal de exploradores do século XIX na Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá, México, iremos apresentar como através da recuperação das trajetórias e itinerários de peças arqueológicas podemos construir uma narrativa sobre o uso e função de tais objetos no passado e ao longo de suas histórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** itinerários de objetos; oferenda; Chichén Itzá, Le Plongeon

## **Introdução**

Essa breve comunicação tem como objetivo apresentar nossa pesquisa decorrente de um projeto de mestrado desenvolvido no departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, na área de História da Arte, sob orientação do Professor Doutor Pedro Paulo Abreu Funari e supervisão do Professor Doutor Adam Temple Sellen da Universidad Nacional Autónoma de México, concluída em março de 2017 (GRECCO PACHECO, 2017a). Iremos apresentar uma metodologia capaz de lidar com peças sem um contexto arqueológico definido, com informações escassas. Para isso, mostraremos como estudo de caso, um conjunto de objetos descobertos na Plataforma das Águias e Jaguares, localizada no sitio maia de Chichen Itza, México, pelo casal de exploradores, Augustus Le Plongeon e Alice Dixon Le Plongeon, durante o ano de 1875. Mostraremos como a partir de uma extensa pesquisa com um mapeamento de informações sobre essas peças em diferentes locais como bibliotecas, hemerotecas, arquivos de museus, arquivos fotográficos no México e Estados Unidos foi possível recuperar os diferentes itinerários e trajetórias dos objetos ao longo de suas histórias, e assim perceber seus usos e re-usos ao longo do tempo, e possibilitar a criação de interpretações e narrativas sobre objetos.

---

<sup>1</sup> Mestre em História, na área de História da Arte pela Unicamp. Graduado em História pela PUC/SP, tem se dedicado ao estudo das culturas indígenas mesoamericanas, com foco especial para os maias antigos. Contato: daniel\_gpacheco@yahoo.com.br

## **A trajetória dos objetos**

Ao propor uma análise das trajetórias e caminhos feitos pelos objetos descobertos na oferenda da Plataforma das Águias e Jaguares procuramos recuperar informações das peças presente em fontes de arquivo, coleções arqueológicas, fotos, notícias de jornais antigos, anotações dos exploradores que fizeram a descoberta, além de qualquer menção à peça existente em trabalhos antigos e modernos (URCID; SELLEN, 2008, p.177). O campo que tem se ocupado de tais estudos ficou conhecido como a história das coleções, uma área dedicada a reunir os diversos registros de uma peça, como conjuntos de informação presentes e todo o tipo de arquivo (institucionais, hemerotecas, bibliográficos, catalográficos) relativo às peças nos museus e coleções. Esse material vai desde interpretações acadêmicas até notícias de seu descobrimento ou aquisição em cadernos de campo, com a finalidade de sistematizar os dados (VELASCO ALONSO, 2005, p.371). Somado a isso foram utilizados conceitos e questões teóricas que remetem a correntes de estudos antropológicos das décadas de 1980 e 1990 focados em novas interpretações acerca da cultura material (OLSEN, 2010). Dentre tais estudos destacamos a presença de análises que passaram a investigar as rotas e movimentos sofridos pelos objetos ao longo de suas trajetórias, considerando suas vidas sociais. Deriva desse momento a ideia desenvolvida pelo antropólogo Igor Kopytoff, com a proposição de uma análise que levasse em conta uma biografia dos objetos, apresentada no artigo *A Biografia Cultural das Coisas: A Mercantilização como Processo*, parte do livro *A Vida social das Coisas: As Mercadorias sob uma Perspectiva Cultural* do antropólogo Arjun Appadurai. Recentemente esses conceitos foram ampliados com a proposta de utilização da ideia de itinerários para traçar a trajetória de objetos em seus diferentes momentos, e assim identificar a materialização de memórias e histórias, considerando mudanças e permanências, usos e reusos, que acrescentam novos significados às peças (JOYCE; GILLESPIE, 2015, p.11).

## **A oferenda**

O conjunto de peças descoberto pelo casal Le Plongeon em 1875 na Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá é composto por duas estátuas de pedra calcária, uma em formato de jaguar reclinado sem cabeça e a escultura conhecida como chacmool, painéis de pedra calcária que decoravam as fachadas da plataforma e pequenos objetos líticos e conchas. Após o desterramento feito pelo casal esses objetos se espalharam por diferentes itinerários resultando em diferentes interpretações e usos

sobre eles. O primeiro objeto analisado foi a escultura de pedra calcária em formato de jaguar reclinado sem cabeça encontrado próximo à superfície do montículo que atualmente é a Plataforma das Águias e Jaguares.

### **O jaguar reclinado**

A primeira peça encontrada pelo casal Le Plongeon em suas escavações na plataforma foi a escultura de pedra calcária com o formato de um jaguar reclinado com a cabeça faltando. A escultura possui dois furos no dorso, sendo um profundo e outro mais superficial. Em sua parte frontal, é decorada com figuras em baixo-relevo com formatos de flores com três pétalas e meias-luas. As patas do lado direito do corpo estão dobradas e deitadas na base. A parte de trás do corpo da figura apresenta elementos geométricos que parecem representar escamas, ou plumas (ver figura 1). A escultura é feita de pedra calcária de provável fonte local, com datação aproximada do século IX (não há estudos para precisar a datação e material específico da peça). São raras as menções à essa peça em estudos acadêmicos. A única publicação específica sobre ela é a feita por Daniel Schávelzon (1985) com uma breve apresentação da escultura. Nas anotações de campo feitas por Alice Le Plongeon, e publicadas posteriormente por Lawrence Gustave Desmond, também encontramos informações sobre o contexto onde a peça foi descoberta (2009). Desde o momento de seu desterramento foi colocada junto à peça uma cabeça com formato humano, com um tocado de jaguar. Ainda que os dois objetos não aparentem ter sido unidos em algum momento de suas histórias (possuem diferentes formatos da parte danificada), eles foram colocados juntos pela primeira vez por Le Plongeon para a criação de uma narrativa sobre a peça para comprovar sua teoria sobre a origem da civilização maia e suas conexões com os egípcios. Para ele, os berço da civilização mundial seria os maias (LE PLONGEON 1900). Com a descoberta de uma peça com o formato de um felino e anexando uma cabeça humana, Le Plongeon viu no jaguar reclinado uma grande semelhança com a esfinge egípcia, o que levou a chamá-la de a esfinge americana em um texto publicado por Alice no jornal London Magazine de 21 de abril de 1910. Essa primeira ressignificação da escultura acompanharia a peça até os dias atuais, pois tanto a peça quanto a cabeça estão guardados em conjunto no depósito do Museu Palácio Cantón em Mérida.

Ao tentar mapear os itinerários da escultura após o seu desterramento, encontramos poucas informações detalhadas. Mas a partir de informações em algumas fontes, além de fotos feitas por exploradores posteriores ao casal Le Plongeon que visitaram Chichén Itzá, como Teobert Maler e Alfred Maudslay em 1889, foi possível

construir uma interpretação sobre a trajetória da peça. Nas fotos tomadas por esses estudiosos a escultura aparece próxima ao montículo escavado por Le Plongeon. Posteriormente, durante os trabalhos de restauro da plataforma levados a cabo na primeira metade do século XX, não há registros sobre a presença da peça. O único registro encontrado data da década de 1980 com a realização da catalogação do depósito do Museu Palácio Cantón em Mérida no México levada a cabo por Peter Schmidt. Dessa forma, acreditamos que a escultura tenha sido levada em algum momento após o restauro da plataforma a esse museu, onde permanece até hoje guardada em seu depósito. Recentemente, neste ano de 2017, a peça fez parte da exposição *Lak'íin, el poderío del oriente maya*, ocorrida no museu Palácio Cantón.

A recuperação de informações e imagens da escultura, nos levou a propor uma interpretação de seu possível uso e significado. A importância do jaguar e sua vinculação a atividades bélicas e de poder está presente em diversas partes da cidade de Chichén Itzá e em outros sítios da área maia. As figuras de flores presentes em sua parte frontal, associadas à própria figura do jaguar seriam dois elementos simbólicos que unidos se complementam ao indicar questões ligadas a origem, terra e fertilidade, além de ser uma flor noturna, vinculada ao Inframundo (VALVERDE VALDÉS 2005, p.51). Dessa forma, a associação da flor e do jaguar seria uma insígnia referente à nobreza, relacionada à figura do grande senhor governante (GRECCO PACHECO, 2017a).

### **O chacmool de Le Plongeon**

O próximo objeto encontrado na oferenda que foi relatado por Alice em seu diário seria a escultura de um personagem humano reclinado com as pernas unidas e que leva uma espécie de um recipiente em seu abdômen. Ela é tridimensional, está assentada sobre uma base de pedra, possui os joelhos dobrados e seu corpo aparece em um único eixo do pescoço aos pés (ver figura 2). O nome de chacmool dado à peça por Le Plongeon, acompanha o objeto até hoje e foi utilizado para nomear estátuas com esse mesmo formato que foram descobertas em outras partes da Mesoamérica. A nomeação como chacmool já faz parte de uma primeira apropriação sofrida pela peça logo no momento de sua descoberta, já que Augustus Le Plongeon acreditava que a cidade de Chichén Itzá, teria sido governada por uma antiga dinastia comandada pela rainha Mío e o seu irmão, o príncipe Coh, também conhecido como Chaac Mool, traduzido por Le Plongeon como “leopardo” (LE PLONGEON, 1900, p.157).

A escultura de pedra calcária é de provável fonte local, com datação aproximada do século IX, e logo que descoberta por Le Plongeon e sua equipe, chamou muito a

atenção do explorador, por seu padrão estético semelhante ao ocidental (GRECCO PACHECO, 2017a). O interesse pela peça fez com que ela fosse transportada para o povoado vizinho de Pisté e ficasse ali escondida por aproximadamente um ano. Nesse interim, Le Plongeon entrou em contato com o governo mexicano para tentar uma autorização para levar a peça a uma feira internacional que aconteceria na cidade da Filadélfia nos Estados Unidos no ano de 1876 (DESMOND; MESSENGER, 1988). Essa intenção despertou a atenção do governo mexicano para uma preocupação em defesa de seu patrimônio histórico e arqueológico, que passou a ter um outro status de importância a partir da independência do país em meados da década de 1820, com a materialização de um novo sentimento nacionalista que começava a tomar conta da elite *criolla* mexicana, responsável por esse processo de separação junto a Coroa Espanhola (NAVARRETE LINARES, 2009; TRIPP EVANS, 2004; GRECCO PACHECO, 2017b). Após tentativas em vão de convencer o governo mexicano, Le Plongeon recebe uma negativa do novo presidente recém-chegado ao poder, o general Porfirio Díaz. Logo na sequência, as disputas políticas internas no México pós-independência entre o centralismo, representado pelo governo central localizado na Cidade do México e o federalismo, com alguns estados do país que eram contra a formação de uma confederação, (REED, 2014, p.36) como o estado de Iucatã, por exemplo, se materializaram numa briga pela posse do chacmool. Em março de 1877, o então governador do Estado de Iucatã, general Protásio Guerra, decidiu confiscar a peça que ainda estava em poder de Le Plongeon e leva-la a Mérida, fato que provocou uma grande agitação cultural na cidade, com a realização de um importante desfile e festejos, além de intensa movimentação cultural (GRECCO PACHECO, 2017a, p.104).

Entretanto, toda essa movimentação logo daria lugar a uma certa frustração, com o confisco do chacmool por parte do governo central mexicano. Em maio de 1877, a peça foi levada à capital do país para ser colocada junto a outras esculturas pré-hispânicas no Museu Nacional, fato que marcou uma nova ressignificação da escultura, agora como um elemento de destaque no processo de constituição da história da nação mexicana no projeto de construção de uma identidade calcada no glorioso passado pré-hispânico (NAVARRETE LINARES, 2009, p.67). A escultura ficou nesse museu até a inauguração do novo Museu Nacional de Antropologia no ano de 1964, onde está em exposição.

A entrada do chacmool no circuito museológico marca um novo uso da peça que além de um emissor da identidade nacional mexicana, acabou por transformar-se num

produto do universo da arte e do turismo, fonte de inspiração também para artistas contemporâneos como o escultor britânico Henry Moore em sua obra, *Reclining Figure*.

Numa interpretação sobre a escultura do chacmool sobre o seu uso e significado dentro do contexto em que fazia parte na Plataforma das Águias e Jaguares, e seguindo interpretação proposta por Karl Taube (2000), Alfred Tozzer (1957), Ringle e Bey III (2009) acreditamos que a escultura seria a figura de um nobre guerreiro capturado responsável por levar oferendas às divindades. Seria o guerreiro que se imola como sacrifício. A peça descoberta por Le Plongeon leva em seu abdômen um prato que provavelmente serviria como *cuahxicalli*, ou local de depósito dos corações extraídos das vítimas, ou ainda receptáculos para oferendas de diversos tipos (GRECCO PACHECO, 2017a).

### **Os painéis da fachada da plataforma**

O próximo conjunto de peças é composto pelos painéis de baixo-relevo que decoravam as fachadas da plataforma, além das placas e esculturas em formato de cabeça de serpente emplumada presentes nas escadarias. Como a plataforma possui um formato quadrangular com quatro fachadas divididas em duas pelas escadarias que as cortam na metade (NAVARRO, 2007), as peças da fachada formam um total de 56 todas feitas de pedra calcária, sendo que dois painéis com imagens de jaguar e algumas placas que formam o corpo das serpentes emplumadas que decoram as alfardas do edifício estão faltantes. As peças são divididas em seis tipos de figuras diferentes. São elas; duas placas na parte superior da fachada, com figuras de dois personagens reclinados, três na parte central, representando duas águias e um jaguar e duas placas e duas esculturas em cada uma das escadarias da plataforma, com formatos de serpentes emplumadas (ver figura 3).

Os painéis da parte superior são compostos por dois personagens reclinados ataviados com elementos que fazem menção à guerra, empunhando uma arma cada um. A cena é decorada com imagens do planeta Vênus, símbolo relacionado a atividades bélicas na área maia (FERNÁNDEZ SOUZA, 2001; MILBRATH, 1999). Esses personagens estão recostados, levam adereços corpóreos e um objeto ao redor dos olhos relacionado à figura da divindade da chuva Chac entre os maias, uma figura constantemente associada à fertilidade dentro do pensamento mesoamericano.

Os painéis com as águias e jaguares que ocupam a parte central das faces da fachada da plataforma, são os elementos mais destacados na decoração dessa construção, tanto que foram usadas pelos estudiosos contemporâneos para nomear o

templo. As águias na região do Centro do México durante o período Pós-Clássico, eram usadas para representar o sol, o sacrifício humano associado a forma primitiva do nascer do sol, além de movimentos solares (MILLER; TAUBE, 2011, p.83). Já o jaguar é referenciado por suas atividades caçadoras e tidos como um dos mais poderosos felinos do continente americano, foi uma das figuras simbólicas mais importantes dessa região. Na visão de mundo de diversas culturas mesoamericanas esse felino foi usado como símbolo de poder político, associado a atividades bélicas, sacrifício e relações com a noite e o Inframundo. Já os corações que aparecem tanto com as águias, quanto com os jaguares, estão associados a oferendas de sacrifício, um elemento importante para a ideologia de sacrifícios humanos como oferendas para divindades, sendo o sacrifício de corações humanos algo muito difundido na Mesoamérica desde o Período Clássico, acentuando-se no Clássico Terminal e Pós-Clássico (MILLER; TAUBE, 2011, p.91). As figuras das serpentes emplumadas que decoram as escadarias da plataforma, remetem à figura de Kukulcan, importante personagem presente em toda a área mesoamericana. A associação dessa figura com o planeta Vênus faria alusão a atividades guerreiras dentro da sociedade maia. Essa interpretação é corroborada por Acosta (1951, p.46) que acredita que esses personagens reclinados presentes nas fachadas da plataforma estariam associados a figura de Vênus e *Tlahuizcalpantecuhtli*, aspecto de Quetzalcoatl ou Kukulcan em seu renascimento como estrela da manhã após sacrificar-se para ser convertido em sol (PIÑA CHAN, 1998, p.53).

A descoberta desses elementos decorativos das fachadas da plataforma foi de grande importância para Le Plongeon, pois ao visualizar suas iconografias, o explorador relacionou-as com as figuras de jaguares presentes no Templo dos Jaguares, construção localizada ao lado da plataforma que foi explorada anteriormente pelo casal, o que fez com que ele interpretasse a plataforma como sendo o mausoléu do príncipe chacmool. Os painéis com a figura do personagem reclinado foram interpretados por Augustus como sendo o próprio príncipe Coh ataviado com uma vestimenta de guerra e portando armas em suas mãos num momento de batalha (LE PLONGEON, 1900, p.155). Essa primeira interpretação depois seria confrontada com a de outros estudiosos como Tatiana Proskouriakoff, Alfred Tozzer, Ignacio Marquina, Román Piña Chan que acabaram por nomear a plataforma a partir da leitura dos elementos presentes na fachada dessa construção. Com a informação presente no diário de Alice de que as peças foram deixadas no local, além de registros em fotografias tomadas por ela no momento da descoberta e outras feitas por Maler, quase dez anos depois, mostram que

as lápides com figuras de jaguares, águias e os personagens reclinados ainda estavam no mesmo local próximo ao montículo escavado após alguns anos. Já nos relatórios da primeira intervenção para restauro feita na Plataforma das Águias e Jaguares pelo governo mexicano em 1931 há importantes informações sobre o destino de uma das placas de baixo-relevo com a figura de um jaguar que teria sido levada ao Museu Arqueológico de Yucatán, antigo nome do Museu Palácio Cantón, local onde o objeto se conservava até aquele momento. O arqueólogo Jorge Acosta durante a segunda intervenção para restaurar a plataforma afirma que as placas de baixo-relevo foram encontradas dispostas ordenadamente no solo deixadas pelos arqueólogos que haviam trabalhado na plataforma nos anos de 1930. Além disso, foram encontrados *in situ* apenas o talude inferior e alguns degraus. Os demais elementos, tableros, cornijas, alfardas e as grandes cabeças de serpente estavam jogados no entorno da estrutura. Acosta ressalta ainda que os arqueólogos notaram que das oito lápides com figuras de jaguares que completavam a fachada, faltavam três. Uma foi levada ao Museu Palácio Cantón, outra para o Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México e a terceira até aquele momento não havia sido encontrada. Já as oito cabeças de serpentes que arrematam as escadarias da plataforma foram todas localizadas em diferentes partes do sítio e colocadas durante o restauro (ACOSTA, 1951, pp.5-6).

### **Os líticos da oferenda**

O último grupo de objetos descobertos pelo casal Le Plongeon na Plataforma das Águias e Jaguares é composto por artefatos de pequenos tamanhos feitos de conchas e pedras. Predominam nesses conjuntos pontas de lanças, além de pequenas contas de pedras, um objeto esférico de pedra verde polida encontrado em uma das urnas descobertas pelo casal, além de conchas e pequenas esferas de pedra calcária.

Tais peças foram divididas em duas partes, as que foram doadas ao Museu Americano de História Natural de Nova York e as que acabaram sendo destinadas ao Museu Peabody de Harvard em Boston. As que estão em Nova York foram doadas por uma amiga particular do casal Le Plongeon, Maude Blackwell, após a morte dos exploradores. A primeira doação de 18 de outubro de 1910, foi feita de; um colar de contas de pedra, duas lanças de obsidiana, uma conta de pedra verde, um colar de contas de conchas, uma ponta de projétil, dois pedaços de pedra verde cavada, quatro contas de pedras, 22 pontas de projéteis, fragmentos de pedra verde e turquesa, uma rede, e um apito de cerâmica. A segunda doação é datada de 04 de novembro de 1911, e consta



objetos como; uma conta de pedra verde, um pequeno objeto curvado também do mesmo material, um pequeno pendente de jadeíta polida, algumas pontas de projéteis, contas de pedra, e fragmentos de cerâmica. Já as peças que estão sob custódia do Museu Peabody de Harvard foi resultado da ação de Edward Thompson, arqueólogo dessa instituição e que foi nomeado cônsul estadunidense em Iucatã e Campeche, responsável por diversas investigações em Chichen Itzá, inclusive pela polêmica dragagem do Cenote Sagrado do sítio que resultou numa remoção ilegal de centenas de objetos para o Museu Peabody. Entre esses objetos estavam pontas de projéteis bifaciais, talhadas feitas de quartzo, uma delas cinza e outra vermelha e alaranjada, descobertas pelo casal Le Plongeon na oferenda da plataforma.

Dessa forma, os objetos líticos recuperados são compostos por 24 peças bifaciais talhadas que estão no Museu Americano de História Natural, sendo duas facas de sílex incompletas nas cores café e café escuro, 18 pontas de lança lanceoladas, foliáceas feitas de calcedônia branca com retoques denticulados e algumas com resquícios de pigmento vermelho, além de quatro pontas de projéteis feitas de pedra verde bifaciais com lado chanfrado. Também fazem parte do conjunto uma jadeíta polida de formato cilíndrico, contas de conchas alaranjadas, um grupo de pequenas esferas de pedra calcária em formatos de botões, duas pequenas pedras verdes e pequenas conchas (ver figura 4) Já o conjunto que está no Museu Peabody é composto por oito objetos: três pontas de projéteis bifaciais, talhadas feitas de pedra verde, duas pontas de projéteis de quartzo, uma delas cinza e outra vermelha e alaranjada, além de três pontas de lança feitas de calcedônia branca com resquícios de pigmento vermelho lanceoladas foliáceas com retoques denticulados (ver figura 5) (GRECCO PACHECO, 2017a, p.116).

Alguns desses objetos, como os feitos de sílex seriam oriundos de fontes localizadas na própria península de Iucatã, como na pequena serra de Ticul e na zona norte próximo a Chicxulub (ESPINOSA VÁZQUEZ, 2013, p.23). Já as peças feitas de outros materiais como a pedra verde seriam oriundos principalmente de oficinas e fontes localizadas ao longo do vale do rio Motágua, no oriente das terras altas da Guatemala, que teria sido o ponto de partida de rotas comerciais que levaram esse tipo de material a diversas partes da área maia (COBOS, 2013, p.61, GARCÍA MOLL; COBOS, 2009, p.232).

As peças que compõe esse grupo de objetos móveis também tiveram um papel importante dentro das interpretações criadas pelo casal Le Plongeon. Ainda que tais

objetos não tenham tido o destaque que outras como a escultura do chacmool tiveram, elas também foram usadas e ressignificadas de seu contexto original. Le Plongeon relacionou as pontas de lança encontradas na oferenda com as marcas de furos presentes na escultura do jaguar reclinado, que segundo o explorador seria um dos aspectos do príncipe Coh. Para Le Plongeon, os objetos líticos teriam sido os causadores desses ferimentos que teriam causado a morte do príncipe (LE PLONGEON, 1900, p.158). As descrições sobre as peças líticas estão ausentes na maioria dos escritos sobre os objetos encontrados na oferenda. Elas são mencionadas de maneira breve. Nos textos há uma clara predileção pelos objetos monumentais feitos de pedra calcária, como as esculturas. Isso demonstrava o foco maior do interesse dos estudos também naquele momento do século XIX por objetos com uma apreciação estética e estilística bem demarcada. Algo que de certa forma, permaneceu na lógica museológica presente no século XX (GRECCO PACHECO, 2017a, p.121).

Os materiais líticos tiveram uma importante conotação simbólica em toda a região mesoamericana durante o período pré-colombiano, relacionada principalmente com a cosmovisão e concepções de mundo desses povos (FRANÇA, 2000, p.1; MARTÍNEZ CALLEJA, 2014, p.167). A pedra verde era um dos objetos mais importantes dentro do universo cosmológico mesoamericano, já que estavam associados a elementos ligados a água e ao seu culto e foram encontrados em diversas oferendas e escondites por toda essa área (LOPEZ LUJÁN, 2005, p.165; FRANÇA, 2000, p.1). Além disso, as pontas de projéteis estavam associadas a atividades ligadas a guerras, sacrifícios, autossacrifícios e são encontradas em oferendas e escondites em diferentes locais da Mesoamérica. Tais objetos adquiriam funções em rituais de finais de períodos, ascensões de governantes, cerimônias para contatos com divindades, guerras, inauguração ou abandono de edifícios, adquirindo inclusive características de seres sobrenaturais (SIEVERT, 1992, p.112; CIUDAD RUIZ, 2002, p.198). As guerras tiveram um papel decisivo na constituição da Mesoamérica como área cultural, e foram essenciais para uma constante circulação de ideias e tecnologias por toda a região (NAVARRO, 2012, p.200).

### **Uma visão sobre a oferenda**

A maneira como os objetos estavam depositados, além de algumas características morfológicas das peças e características do estado de conservação, nos levaram a levantar uma hipótese de que a oferenda descoberta pelo casal Le Plongeon

seria um tipo de oferenda pertencente a um ritual de terminação e abandono de edifício (GRECCO PACHECO, 2017a, p.142). Uma prática que remete a um sentido de retirar o poder intrínseco a esses elementos para o encerramento de um ciclo, momentos para acabar com o poder acumulado pelo objeto antigo, e assim matá-lo ritualmente (TIESLER; CUCINA, 2010, p.201). Nesses atos havia a ideia de modificar o status do objeto perante a cosmologia daquele grupo social em um momento específico de sua história (MOCK, 1998). Segundo Suhler e Freidel (1995), existe em Chichén Itzá elementos que apontam para a ocorrência de rituais de terminação durante o abandono de sua população. Acreditamos que a Plataforma das Águias e Jaguares tenha passado por um desses eventos que teve como agentes principais os objetos encontrados pelo casal Le Plongeon enterrados nos escombros da estrutura. Isso seria apontado a partir de sinais presentes em alguns objetos que foram encontrados com sinais de terminação como a escultura do jaguar reclinado sem cabeça, característica recorrente nesse tipo de cerimônia, além de placas com partes quebradas, partes da decoração das fachadas retiradas e enterradas, fragmentos de objetos, em atos que acreditamos terem sido propositais acompanhando a realização de uma cerimônia de terminação (GRECCO PACHECO, 2017a, p.146).

Essas interpretações apresentadas não se encerram nesse primeiro momento e seriam uma tentativa inicial de se trabalhar com esse material que poderia ser estudado com mais detalhe numa futura investigação sobre a natureza da oferenda encontrada pelo casal Le Plongeon na Plataforma das Águias e Jaguares.

### **Palavras finais**

Com essa breve apresentação sobre os destinos, itinerários e trajetórias das peças descobertas pelo casal Le Plongeon na Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá, procuramos dar conta de recuperar as narrativas e vozes silenciadas nesses artefatos ao longo de suas histórias. Ao fazer uso de uma metodologia que buscou recuperar a maior quantidade de informações possíveis sobre os objetos, com a criação de uma rede de mapeamento dos movimentos de tais elementos, tentamos reconstituir as possíveis rotas, usos e reusos desses objetos após sua descoberta por Augustus e Alice Le Plongeon. Nesse processo é importante ressaltar a percepção de que todo objeto que sai do seu contexto original e é inserido em um outro resulta num processo de ressignificação, que faz com que essas peças assumam um novo papel. A própria nomeação de um objeto como artefato arqueológico gera a criação de novas histórias e papéis sobre essa peça (FUNARI, 2003, p.34; PELLINI, 2016, p.252).

Essa recuperação das memórias e das características desse depósito de objetos nos lança novas perspectivas para investigações sobre elementos da cultura material de Chichén Itzá para abordar questões ainda em aberto de interpretações acerca da história, atividade social e cerimonial deste sítio. Ao recuperar as vozes de objetos arqueológicos esquecidos em depósitos de museus, abre-se uma nova possibilidade de entendimento de suas características, bem como de todos aqueles que fizeram parte de suas redes de relações estabelecidas ao longo de suas histórias.

### **Agradecimentos**

Como responsáveis diretos por essa investigação gostaríamos de agradecer ao Instituto Getty de Los Angeles, Estados Unidos, ao CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa de estudos processo número 134389/2014-0, que nos possibilitou a realização de tal pesquisa, e ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Além de um agradecimento especial aos professores Pedro Paulo Abreu Funari, Fernando Torres Londoño, Claudia Valladão de Mattos Avolese, Alexandre Guida Navarro, e Adam Temple Sellen.

### **Referencias bibliográficas**

ACOSTA, Jorge R. *Informe sobre las exploraciones arqueológicas efectuadas en la zona de Chichen Itzá*, informe nº 1129-15, Archivo Técnico del Consejo de Arqueología, INAH, México, 1951.

APPADURAI, Arjun. *A Vida Social das Coisas: As Mercadorias sob uma Perspectiva Cultural*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

CIUDAD RUIZ, Andrés. *Religión y Poder*. IN: DE LA GARZA, Mercedes C.; NÁJERA CORONADO, Martha Iliá. *Religión Maya*. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

COBOS, Rafael. Intercambio de Mercado en el Área Maya. IN: *Arqueología Mexicana*, 122, volumen XXI, 2013, pp.54-61.

COGGINS, Clemency Chase. *Artifacts from the Cenote of Sacrifice, Chichén Itzá, Yucatán*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

COGGINS, Clemency Chase; SHANE III, Orrin C.. *El Cenote de los Sacrificios. Tesoros Mayas extraídos del Cenote Sagrado de Chichén Itzá*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

DESMOND, Lawrence G.; MESSENGER, Phyllis Mauch. *A Dream of Maya: Augustus and Alice Le Plongeon in Nineteenth Century Yucatán*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988.

- DESMOND, Lawrence. *Yucatán through her eyes: Alice Dixon Le Plongeon: writer and expeditionary photographer*. New Mexico: University of New Mexico Press, 2009.
- ESPINOSA VÁZQUEZ, María Alejandra. *Um sítio arqueológico en las tierras bajas del norte de Yucatán: La industria lítica tallada de Aké*. IN: Estudios de Cultura Maya, 41: 11-29. México: UNAM, 2013.
- FERNÁNDEZ SOUZA, Lilia. *Representaciones de Vênus en Chichén Itzá*. Temas Antropológicos 23 (2): 181-200, 2001.
- FRANÇA, Leila Maria. O Simbolismo do Jade e das Pedras Verdes no México Antigo. *Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC*. Belo Horizonte, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GARCÍA MOLL, Roberto; COBOS, Rafael. *Chichén Itzá. Patrimonio de la Humanidad*. Cidade do México: Grupo Azabache, 2009.
- GRECCO PACHECO, Daniel. *Peças que se movem, narrativas que se criam. A história da oferenda da Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá, México*. 2017. 272 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2017a.
- GRECCO PACHECO, Daniel. Gloria à Mexico! Gloria à la Ciência! Gloria à Yucatan! Arqueologia, política e disputas no México pós-independência. In: Congresso de América Colonial Historiografia, Acervos e Documentos, 1., 2017, Campinas, *Anais*, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2017b. p. 13.
- JOYCE, Rosemary A.; GILLESPIE, Susan D.. *Things in Motion. Objects Itineraries in Anthropological Practice*. New Mexico: School for Advanced Research Press, 2015.
- KOPYTOFF, Igor. *A Biografia Cultural das Coisas: A Mercantilização como Processo*. IN: APPADURAI, Arjan. (Org.). *A Vida social das Cosias: As Mercadorias sob uma Perspectiva Cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- LE PLONGEON, Alice Dixon. Artigo publicado no periódico London Magazine, *The Mayas of Yucatan and The Egyptians*, Londres, 21 de abril de 1910, pp. 123-152
- LE PLONGEON, Augustus. *Queen Mío and the Egyptian Sphinx*. Second Edition. By the author, New York, 1900.
- LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *The Offerings of the Templo Mayor of Tenochtitlan*. New Mexico: University of New Mexico Press, 2005.
- MARTÍNEZ CALLEJA, Yadira. *Función de algunos instrumentos de obsidiana en las ceremonias rituales de Cantona, Puebla*. IN: MIRAMBELL, Lorena; GONZÁLEZ ARRATIA, Leticia. *Estudio de la Lítica Arqueológica en Mesoamérica*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2014.
- MELGAR TISOC, Emiliano. *José Martí, los mayas y el Chac Mool*. Mayab 18, pp.37-

44, 2005.

MILBRATH, Susan. *Star Gods of the Maya. Astronomy in Art, Folklore, and Calendars*.

Austin: University of Texas Press, 1999.

MILLER, Mary; TAUBE, Karl. *The Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya*. New York: Thames & Hudson, 2011.

MOCK, Shirley Boteler. *The Sowing and the Dawning. Termination, Dedication, and Transformation in the Archaeological and Ethnographic Record of Mesoamerica*. New Mexico: University of New Mexico Press, 1998.

NAVARRETE LINARES, Federico. *Ruinas y Estado: arqueología de una simbiosis mexicana*. IN: GNECCO, C; AYALA ROCABADO, P. (Ed.) *Pueblos Indígenas y arqueología en América Latina*. Bogotá: Fundaciones de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, 2009, p. 65-82.

NAVARRO, Alexandre Guida. *Kakupacal e Kukulcán. Iconografía e contexto espacial de dois reis-guerreiros maias em Chichen Itzá*. São Luís: Edufma, 2012.

NAVARRO, Alexandre Guida. *Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá: distribución en los espacios arquitectónicos e imagería*. Tese de Doutorado. México: Instituto de Investigaciones Antropológicas, UNAM, 2007.

OLSEN, Bjornar. *In Defense of Things. Archaeology and the Ontology of Objects*. Maryland: Altamira Press, 2010.

PELLINI, José Roberto. *Arqueologia e os Sentidos. Entrando na Toca do Coelho*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

PERIÓDICO OFICIAL. *A Chac-Mool*. Poesia pronunciada pela estudante Isabel Cirerol para brindar a chegada da estátua do chacmool a Mérida, Yucatán, 05 de marzo de 1877.

PIÑA CHÁN, Román. *Cacaxtla. Fuentes Históricas y Pinturas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

REED, Nelson. *La Guerra de Castas de Yucatán*. México: Ediciones Era, 2014.

RINGLE, William M.; BEY III, George J.. *The Faces of the Itzas*. IN: FASH, William L.; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *The Art of Urbanism. How Mesoamerican Kingdoms Represented Themselves in Architecture and Imagery*. Washington: Dumbarton Oaks, 2009.

SALISBURY, Stephen Jr. *Dr. Le Plongeon in Yucatan*. Proceedings of the American Antiquarian Society, N° 69, pp.70-119, 1877.

SCHÁVELZON, Daniel. *El Jaguar de Chichén Itzá, un monumento olvidado*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, *Cuadernos de Arquitectura Mesoamericana*, N° 5, 1985, pp.55-57.

SELLEN, Adam T. *Nineteenth-Century Photographs of Archaeological Collections from Mexico*. IN: PILLSBURY, Joanne (org.) *Past Presented: Archaeological Illustration and the Ancient Americas*. Washington: Dumbarton Oaks Symposia and Colloquia, 2012.

SELLEN, Adam T.; LOWE, Lynne S. *Las Antiguas Colecciones Arqueológicas de Yucatán en el Museo Americano de Historia Natural*. IN: Estudios de Cultura Maya, vol. XXXIII, 2009, pp.53-71.

SIEVERT, April Kay. *Maya Ceremonial Specialization: Lithic tools from the Sacred Cenote at Chichén Itzá, Yucatán*. Wisconsin: Prehistory Press, 1992.

SUHLER, Charles; FREIDEL, David. *The Sack of Chichen Itza: Reinterpreting the Early Stratigraphic Excavations*. Working Draft, presented at the 1995 Maya Meetings at Texas (Austin), 1995.

TAUBE, Karl. *The Turquoise Hearth: Fire, Self-Sacrifice, and the Central Mexican Cult of War (269-341)* IN: CARRASCO, David; JONES, Lindsay; SESSIONS, Scott. *Mesoamerica's classic heritage: from Teotihuacan to the Aztecs*. Estados Unidos: University Press of Colorado, 2000.

TIESLER, Vera; CUCINA, Andrea. *Sacrificio, tratamiento y ofrenda del cuerpo humano entre los mayas peninsulares*. IN: LÓPEZ LUJÁN, Leonardo; OLIVIER, Guilhem. *El Sacrificio Humano en la Tradición Religiosa Mesoamericana*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

TOZZER, Alfred M. *Chichen Itzá and its Cenote of Sacrifice. A Comparative Study of Contemporaneous Maya and Toltec*. Volume XI Text. Cambridge: Peabody Museum, 1957.

TRIPP EVANS, R. *Romancing the Maya: Mexican Antiquity in the American Imagination, 1820-1915*. Austin: University of Texas Press, 2004.

URCID, Javier; SELLEN, Adam T. *A Forgotten House of Ancestors from Ancient Xoxocotlan*. Baessler-Archiv 56, 2008, pp.177-224.

VALVERDE VALDÉS, María del Carmen. *El Jaguar entre los Mayas. Entidad Oscura y Ambivalente*. IN: *Arqueología Mexicana, El Jaguar en el México Prehispánico*. n° 72, México: Editorial Raíces, 2005.

VELASCO ALONSO, Roberto. *Expediente de la recapitación del Ehécatl-Quetzalcóatl de Coyoacán, 1794-2008. Estampas de otra historia de las colecciones del MNA*. Pp. 369-410. IN: GARCÍA MOLL, Roberto; PADILLA, Rafael Fierro. *Homenaje al Maestro Felipe Solís Olguín*. México: INAH, 2015.

## Anexos



Figura 1 – Escultura do jaguar reclinado. Fotos de Adam Sellen, 2017. Acervo Museu Palácio Cantón, Mérida, México.





Figura 2 - Escultura do chacmool, da oferenda da Plataforma das Águias e Jaguares. Foto de Daniel Grecco Pacheco, 2015. Acervo Museo Nacional de Antropología, Ciudad de México, México.



Figura 3 – Peças da fachada da Plataforma das Águias e Jaguares. Fotos de Daniel Grecco Pacheco, 2016



Figura 4 – Peças da oferenda que pertencem ao Museu Americano de Historia Natural de Nueva York, Estados Unidos. Números do catálogo: 30.0/1946 / 30.0/1958 / 30.0/1964 / 30.0/1943

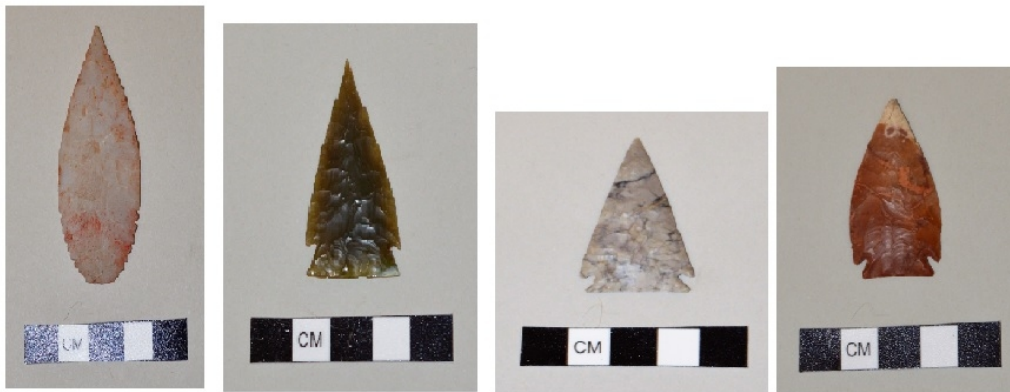


Figura 5 – Peças da oferenda que pertencem ao Museu Peabody, Boston, Estados Unidos. Números do catálogo: 10420C5291 peça A / 10420C5291 peça A / 1606720C5401 peça B / 1606720C5401 peça A